

OS JOVENS NA "ERA DO JAZZ" OU "OS BELOS E OS MALDITOS"

ANA MARIA MARQUES DA COSTA PEREIRA LOPES*

By 'our young people 'is meant Americans of both sexes who are in the adolescent period, particularly those of secondary school and college age. That they are somehow different from the young people of ' our generation' is a common remark of persons in middle age and beyond. As a rule, this difference makes us of the older generation uneasy .

'Something ails' the youth of to - day. This opinion was in evidence for several years before the Great War, and since the war it has become an alarmed conviction.

George A Coe, *What Ails Our Youth ?* (1924)

INTRODUÇÃO

Os anos vinte foram anos de grande bulício e agitação em todas as esferas da vida social, cultural, económica e política. Porém, nenhum aspecto foi tão comentado e tratado com auras de maior sensacionalismo do que a dita revolta dos jovens: uma simples alusão aos anos 20 tem o efeito de evocar a primeira visita ao "speakeasy" (bar secreto escondido no subsolo); a primeira experiência sexual - que a privacidade e intimidade do automóvel proporcionavam -; a procura de uma felicidade concreta e imediata, etc.

Contudo, a revolta dos jovens constituiu simplesmente o corolário de um desdém pelas condições económico - sociais vigentes, e não se confinou aos Estados Unidos da América, mas atingiu todo o mundo ocidental, em resultado da primeira grande guerra do século.

Dado o "boom" na indústria americana, com as suas fábricas gigantescas e ruidosas e a resultante agressividade em larga escala, o culto da elegância nos modos e no porte (que a época anterior favorecera) foi progressivamente abandonado: com guerra ou sem guerra, cada vez se tornava mais difícil para os jovens adoptarem padrões de comportamento que não se ajustassem ao mundo de negócios em que teriam de competir.

* Professora-Adjunta, docente da Área Científica de Inglês da Escola Superior de Educação do Instituto Superior Politécnico de Viseu.

Assim, num mundo em transformação, os jovens enfrentavam o desafio de actualizar os valores americanos, embora se sentissem simultaneamente tentados, pelo menos nos Estados Unidos da América, a refugiar - se no álcool ou a assumir comportamentos e atitudes irreverentes, como comprovam os factos que iremos enumerar:

- As jovens, numa atitude de deliberada provocação (que, na opinião de algumas células mais conservadoras e mais moralistas da sociedade, em muito se assemelhava a um convite velado à licenciosidade sexual), encurtavam o tamanho das saias, penteavam-se de forma ousada, envergavam meias de seda no dia-a-dia e apresentavam-se em público com o rosto coberto de cosméticos;
- Na rua e na escola, no autocarro, no bar ou no cinema, rapazes e raparigas falavam abertamente sobre sexo, chegando mesmo a trocar gracejos com conotações sexuais ;
- A música e a dança jazz convidavam à expressão da sensualidade e à busca de um prazer hedonista.

Quer se tratasse de direito ao consumo de álcool, quer à sensualidade, emancipação constituía a palavra de ordem:

I don' t care particularly to be kissed by some of the fellows I know, but I' d let them do it any time rather than think I wouldn' t dare " .¹

Invocava - se Freud para sustentar que todas as nevroses provinham de complexos provocados pela repressão do instinto sexual.

A emancipação e participação da mulher na vida activa e social viria naturalmente a alterar de forma paulatina a natureza das interacções entre os membros da família nuclear. Efectivamente, não só as mulheres reclamavam o direito de exercer uma profissão que lhes permitisse contribuir para o bem estar económico da família, como também exigiam ser ouvidas em matérias que se prendessem com planeamento familiar, usufruindo, sem culpa, os prazeres de uma sexualidade vivida livre e conscientemente e convertendo o acto sexual em veículo de emoções que transformaria deveres e obrigações desiguais em prazeres e satisfação mútuos, e o casamento em expressão de companheirismo e compatibilidade.

Mas voltando de novo à problemática da contestação e irreverência juvenis, talvez importe lembrar que a procura de novas sensações proporcionadas pelo álcool, pelo sexo e pela droga, bem como o dispêndio de dinheiro em bens efémeros e

¹ - Patterson, James T., *America in the Twentieth Century*, 3ª ed., San Diego, Harcourt Brace Jovanovich, Inc., 1989, p. 151.

superficiais, faziam parte de um propósito de evasão que resultava em parte do desencanto que a experiência negativa da guerra desencadeara: a juventude estava desmoralizada; à luz do que tinham vivido, a fé e a moral que lhes haviam sido inculcadas afiguravam-se-lhe fraudulentas:

"the older generation had certainly pretty well ruined this world before passing it on to us ." *"Now my generation is disillusioned, and, I think, to a certain extent brutalized, by the cataclysm which their complacent folly engendered (...)"*² A tudo isto, os conservadores e moralistas reagiam com inocultável indignação. O "Ladies ' Home Journal" condenava veementemente a dança jazz:

*"Anyone who says that ' youths of both sexes can mingle in close embrace' with limbs intertwined and torso in contact - without suffering harm lies. Add to this position the wriggling movement and sensuous stimulation of the abominable jazz orchestra with its voodoo - born minors and its direct appeal to the sensory center , and if you can believe that youth is the same after this experience as before, than God help your child."*³

O propósito era angariar o maior número possível de adeptos e colaboradores para a cruzada "anti jazz". Não tendo logrado levar a bom termo o referido propósito, o "Ladies' Home Journal" chegou mesmo a apelar para a proibição da pecaminosa dança.

Os alegados dignitários dos valores espirituais alertavam as mulheres para os perigos que uma emancipação apressada poderia encerrar: liberta do peso do estereótipo, a mulher arriscava-se a sucumbir ao impulso, a trilhar caminhos dos quais não havia retorno possível, a precipitar - se no abismo da promiscuidade sexual. Mr. Grundy fazia lembrar aos leitores de "The Atlantic " que:

"When a lovely woman stoops to folly, she can always find someone to stoop with her but not always someone to lift her up again to the level where she belongs".

Os reflexos da onda feminista pela igualdade de direitos individuais e sociais eram particularmente evidentes nos centros urbanos.

O "Literary Digest", determinado em impedir que esta perigosa onda de exaltação feminista arrastasse para o oceano da licenciosidade e do pecado um número cada vez maior de mulheres, convidava a jovem camponesa a abandonar o propósito de se dirigir para a cidade onde teria de aguardar, placidamente, o ensejo para melhorar o seu modo de vida. Na opinião de um ilustre colaborador daquela revista, a migração para a cidade constituía: *"a national menace. We must carry our campaign from the city*

2 -Carter, John F., Jr., "These Wild Young People", "Atlantic Monthly", 126, 1920, pp. 302-303.

3- Mc Mahon, John R., "Unspeakable Jazz Must Go", "Ladies' Home Journal" , 38, Dec., 1921, p. 116.

into the country. We must portray to the young women and men on the farms the disadvantages of forsaking the farm for the city and make them realize how fortunate they are on the farm " ⁴

1. A ESCOLA E O GRUPO DE PARES

O estudo da forma como uma comunidade educa os seus jovens constitui, em épocas de transição cultural, uma das melhores vias de acesso aos valores dominantes dessa comunidade e da sociedade em geral.

Na primeira década do pós-guerra, o homem e a mulher da classe média projectaram nos jovens da sua classe a sua ânsia de libertação das frustrações do quotidiano e a sua esperança inamovível num futuro opulento e próspero ao qual se ascendia facilmente mediante a posse de um diploma. Os números falam por si:

- Não obstante o envelhecimento da população global e da queda da natalidade, a população escolar de Middletown (uma "vilória" do interior) sofreu, no período compreendido entre 1910 e 1930, um aumento que rondou os 1,4 %, enquanto que a percentagem de analfabetos caiu de 2,5% em 1920 para 1,3% em 1930.
- Nos ensinamentos secundário e superior, o quadro era o seguinte : entre 1925 e 1930, provavelmente devido à migração, para a cidade, de famílias com crianças em idade pré-escolar, a frequência média do ensino secundário baixou consideravelmente. Porém, com o espectro da depressão a pairar no ar e a consequente escassez de empregos, assistiu-se a uma nova corrida às escolas, o que explica que, no período compreendido entre 1929 e 1934, o número de titulares de diplomas do ensino secundário tenha sofrido um aumento que atingiu os 56% . Surpreendentemente, contudo, a frequência do ensino superior não aumentou na mesma proporção; a períodos de grande afluência às universidades sucederam-se períodos de despiciência pela educação universitária, o que levou a que anualmente se registassem subidas ou descidas percentuais na ordem dos 2%.

No decorrer das décadas de 20 e 30 foi possível assistir a tentativas sistemáticas para demarcar o terreno de acção e influência das instituições de ensino. Começava a acreditar-se que não bastava oferecer um ensino de qualidade; era

⁴ "A warning for country girls", "Literary Digest", 83, December, 13, 1924.

necessário que a educação cumprisse o duplo propósito de ser útil ao indivíduo e ao meio. Por outras palavras, exigia-se que a educação cumprisse a função de preparar os jovens para competirem por empregos de reconhecido mérito, prestígio e dignidade sociais. Efectivamente, numa cultura pecuniária, só com muita relutância se aceitava que a sociedade adiasse cada vez mais a entrada dos jovens no mercado de trabalho, dando lugar à disseminação de ideias e ideais revolucionários, corolário da exposição a um período de instrução prolongado. Receava-se, portanto, o que de facto viria a concretizar-se: que as Escolas e Universidades se antecipassem aos desígnios de uma sociedade industrializada e às fulgurantes e ostensivas mudanças histórico-sociais, culturais e económicas, acolhendo com mestria o enlace entre cultura e contra-cultura.

A moda constituiu, sem dúvida, uma das formas mais visíveis da inquietação e irreverência juvenis.

Graças aos avanços técnicos que a época lhes proporcionava, os impulsionadores desta nova indústria, que prometia ser muito rentável, lançaram mão de rápidas e eficazes técnicas publicitárias e fizeram da produção em série um dos principais pilares da sua actividade.

Assim, assumindo-se como timoneiros da mudança, os jovens aderiram de forma entusiástica às novas propostas que os criadores e produtores de moda lançavam no mercado. Subordinando -se às *nuances* de estilo adoptadas pelos seus pares, o jovem estudante das "high schools" e "colleges" universitários não só assegurava a pertença ao grupo, como também a sobrevivência do mesmo, por oposição ao mundo dos adultos. Como afirma Frederick Van de Water: "*college students can almost always be found in groups, seldom alone. They dress, they walk, they talk alike*"⁵.

Também os padrões de sexualidade conheceram, nos "dourados anos 20", o seu período de viragem.

A juventude, ao declarar guerra ao exército de dogmas, preconceitos e tabus que rodeavam as práticas sexuais, obrigou a uma redefinição dos parâmetros em que assentaria a relação homem/mulher: apelava-se a uma nova dialéctica de sedução e de erotismo e determinavam-se novos contornos para o jogo sexual.

Um duplo propósito alimentava toda esta actividade; por um lado, urgia consubstanciar interesses sexuais imediatos ; por outro, havia a necessidade de alargar o leque de possibilidades no que tocava à escolha de um futuro cônjuge. Por forma a

⁵ Frederick van de Water, quoted in "Ohio State Lantern".

satisfazer este duplo propósito os jovens elaboraram dois rituais básicos de interacção sexual: "dating" e "petting".

O namoro (dating) encorajava ao relacionamento com numerosos parceiros sem obrigar a um compromisso matrimonial. Este ritual emergiu em resposta a um contexto moderno em que os jovens se encontravam esporádica e casualmente para, agrupados em casais, usufruírem os prazeres proporcionados por novas formas de entretenimento como o cinema, as danças de salão, etc. Assim, à medida que a juventude se libertava paulatinamente da supervisão directa da família e da comunidade, era forçada a estabelecer, ela própria, os parâmetros que determinariam o grau e limites do erotismo permissível.

"Petting" era a designação vulgarmente atribuída aos contactos eróticos (ocorridos entre elementos do sexo oposto) que podiam ir de um simples beijo a carícias mais íntimas.

Grande parte dos jovens da década, cedendo a sistemáticas pressões por parte do seu grupo de pares, entregou-se apaixonadamente a práticas ostensivas de "petting". Mais do que um indício de leviandade, o seu comportamento assinalava uma atitude de conformismo para com o grupo e uma aceitação dos códigos e padrões de conduta do mesmo.

Com efeito, embora admitindo a existência das práticas de "petting" e a sua importância para o estabelecimento, manutenção e solidificação das relações entre os dois sexos, os jovens opunham-se peremptoriamente à noção de que as principais cambiantes do acto de "petting" fossem a promiscuidade e a imoralidade.

Um dos postulados da nova moralidade juvenil era o de que o amor legitimava o sexo, de onde decorria que os casamentos contraídos por amor teriam no sexo um esteio fundamental. Nesta perspectiva, a fronteira entre erotismo permissível e erotismo reprovável estava bem delimitada; rapazes e raparigas mais não fizeram do que alargar a mesma ética e a sua moral implícita ao período pré-matrimonial.

Os jovens aceitavam e consolidavam a tríade: casamento / amor/ sexo. Sexo era, pois, indissociável de amor e ajudava a definir uma relação onde o amor predominava. Por outras palavras, era o compromisso emocional, acima de tudo, que legitimava o erotismo.

Em suma, a liberalização da ética sexual a que se assistiu na década de vinte teve contornos claramente definidos - novos padrões de comportamento sexual haviam sido impostos e as relações entre homens e mulheres haviam passado a reger - se por

códigos e parâmetros diferentes. Desenhava -se uma nova esfera de possibilidades, que girava em torno de novas definições.

2. SÍMBOLOS DE LIBERTAÇÃO: O consumo de tabaco e de bebidas alcoólicas

A jovem da década de vinte viu no consumo de tabaco uma oportunidade renovada para proclamar a sua emancipação e direito à igualdade.

Fumar não tem, *per se*, uma conotação sexual. No abstracto, tem uma carga moral neutra. Porém, no quadro de valores da sociedade americana dos anos vinte, fumar era considerado uma acto de imoralidade indigno de uma senhora (*an unladylike act*); um derivado do sexo que, tal como o uso de cosméticos, era sinónimo, a nível do feminino, de promiscuidade .

Receando que o consumo de tabaco por parte das mulheres viesse derrubar mais um dos esteios que sustentava a tradicional distinção entre papéis e conduta feminina e masculina, a sociedade, socorrendo-se de um duplo padrão de moralidade, negava às mulheres o direito a esta prática.

As jovens, numa atitude de indignado protesto contra a discriminação de que se sentiam alvo, reclamavam para si o direito ao consumo do conhecido "produto". Começando na costa leste e estendendo-se depois à costa oeste, a "nova liberdade" penetrou no coração do *midwest* e mesmo no sul, onde os preceitos que regiam a conduta feminina eram mais dogmáticos e inflexíveis.

Invariavelmente alheios aos temores de degradação moral, os editores de jornais e revistas académicas encontraram neste meio de comunicação o veículo ideal para corroborar o direito da mulher à auto-proclamação e protestar contra práticas discriminatórias que atingiam as jovens estudantes em algumas universidades.

Assim, em 1925, o redactor de "The Daily Illini", tendo-se apercebido do modo tão indignado como o deão de mulheres da universidade do Texas respondia à constatação de que o consumo de tabaco era uma prática comum entre as jovens universitárias, comentou com algum sarcasmo: *"The girls are beginning to smoke! Good Gracious, Annabelle! They have been smoking for months and years. One only has to be a boy and answer the continued demands for a ' drag' or a cigarette to know that smoking has with the fair co-eds long ceased to be a practice. It is an art , and one*

*of their most perfectly practiced ones. All co-eds at the University do not smoke but neither do all the boys. "*⁶

Sustentava-se que estudantes de ambos os sexos deveriam usufruir dos mesmos direitos: "*In this day*", afirmava um correspondente de Illinois "*one has a perfectly good right to ask why men should be permitted to smoke while girls are expelled for doing it*"⁷

Também o consumo de bebidas alcoólicas depressa se converteu num dos símbolos de libertação dos jovens. Efectivamente, a proibição, entrada em vigor em Janeiro de 1920, mediante a aplicação do "The Volstead Act"⁸, instrumento legal da 18ª Emenda à Constituição, não pôs termo ao consumo de bebidas alcoólicas; antes exacerbou a apetência pelas mesmas.

Para a juventude, o "speakeasy" e a "hip-flask" tornaram-se símbolos de desafio à sociedade. Beber tornava-se perigoso e excitante, sinónimo de violação da lei e de ruptura com os códigos morais vigentes.

O "Daily Princetonian" captou bem este espírito ao afirmar: "*the law is not only unpopular, but it is violated on a large scale (...) It is in the change in the manner of drinking that Prohibition has affected college life. It has substituted hard liquor for beer. Worse than this it has seriously threatened the best tradition of the colleges. Whereas undergraduates once confined their drinking to the Nassau Inn, liquor is now taken and kept in the room or sought in roadhouses. There is but little respect for the law.*"

Por sua vez, o "The Princetonian" fazia notar que desde que o "The Volstead Act" entrara em vigor o consumo de bebidas alcoólicas, por parte dos jovens, aumentara consideravelmente, enquanto o redactor do "The Wisconsin Cardinal" era peremptório ao afirmar que: "*Without doubt, prohibition has been an incentive for young folks to learn to drink (...) The expense of the Volstead experiment has been an exploitation of youth, and a general breaking down of respect for national law in the minds of the people who are law abiding citizens at heart. Briefly, we feel that the Eighteenth Amendment has accomplished nothing but the ruination of our gastronomic organs, our taste , and our one time respect for federal law. The Volstead law has been an ineffective weapon to stop drinking. Its failure shows that it is impossible to legislate morals. "*

⁶ "Daily Illini ", November 10, 1925.

⁷ "Daily Illini ", April, 14, 1920 , carta ao editor.

⁸ Por esta lei, o fabrico, transporte e venda de qualquer bebida alcoólica estavam interditos em toda a extensão do território dos Estados Unidos.

O conhecido romancista Sinclair Lewis capta bem a estratégia básica dos "Proibicionistas": "*a emoção que exploravam era o medo; o medo do pecado e de Deus; o medo de raça contra raça, de pele contra pele; o medo de doenças venéreas; o medo de filhos retardados; o medo da violência subjugada pela consciência e liberta pela bebida; e os sombrios medos sexuais da civilização.*"

Em meados da década a embriaguez convertera-se em moda, e apenas os meios mais tradicionalistas e retrógrados continuavam abstêmios.

Em finais dos anos vinte, mesmo os mais idealistas se viam forçados a admitir que a "Grande Cruzada" havia sido um fracasso. Por isso, se não fosse a relutância do "Dry President" Herbert Hoover, a Emenda teria sido imediatamente revogada. Contudo, com o advento da administração Roosevelt, em 1933, a *Proibição* foi morta e enterrada num período *record* de nove meses e meio.

3. CONCLUSÃO

A juventude dos anos vinte foi, sem dúvida, mais bafejada pelos ventos da mudança do que o havia sido a geração sua antecessora.

Determinado em soltar as amarras que o mantinham preso ao passado e à família, o jovem desta década confiava em que o seu grupo de pares o ajudaria a romper com tradicionais códigos e padrões de conduta. Em lugar do controle familiar, o jovem submetia - se agora aos mecanismos de controle do seu grupo.

Ao aderirem a práticas reprovadas pela geração adulta, os jovens exprimiam implicitamente a sua rejeição aos códigos e padrões de conduta da mesma em prol dos códigos impostos pelo seu próprio grupo. Nessa perspectiva, poder-se-á afirmar que o consumo de tabaco e de álcool, bem como a adesão à moda e à dança constituíram indício de conformismo dos jovens para com o seu grupo etário.

Foi, porém, em matéria de modernidade que a voz dos jovens soou mais alto. Era moderna, a seu ver, a forma como se vestiam e penteavam, como modernos eram os seus interesses e aspirações e, acima de tudo, o seu comportamento. Orgulhosos dessa modernidade, opunham - se a quaisquer tentativas de retorno a um passado onde não houvesse lugar para as novas liberdades sexuais e para as novas formas de pensar.

Efectivamente, se em períodos de transição cultural o indivíduo se sente coarctado a adaptar-se da forma mais rápida possível às metamorfoses que se vão operando social e culturalmente, o jovem dos anos vinte não poderia deixar de ser

vulnerável a esta imposição. Foi assim que os seus símbolos de emancipação e adaptação à mudança - as suas roupas, a sua música, os seus hábitos, os desportos que praticavam e, quiçá mesmo, o seu idioleto - se fundiram com a consciência de uma década.

Os adultos, através de um processo de associação vicarial com estilos juvenis e de uma vicarial condenação do comportamento dos jovens, serviram-se da juventude para ao mesmo tempo denunciarem a mudança e se adaptarem a ela; para a geração mais velha, a auto-estrada dos "malditos" conduzia ao universo dos "belos".

BIBLIOGRAFIA

ALLEN, Frederick Lewis, *Only Yesterday. An Informal History of the Nineteen-Twenties*, New York, Harper & Row Publishers, Inc., 1964.

BARITZ, Loren, "A Cultura da Década de Vinte" in Stanley Coben e Norman Ratter (org) *O Desenvolvimento da Cultura Norte - Americana*, Rio de Janeiro, Editora Anima, 1985.

FASS, Paula S., *The Damned and the Beautiful . American Youth in the 1920 s*, New York, Oxford University Press, 1977.

HORTON, Rod W e Herbert W. Edwards "Babbitts, Bootleggers and Sad Young Men" in *Backgrounds of American Literary Thought* , New York Appleton - Century - Crofts Inc., 1952.

"Intellectual Currents of the Twenties: Freudianism and others" in *Backgrounds of American Literary Thought*, New York, Appleton - Century - Crofts Inc., 1952.

MAUROIS, André e Louis Aragon, *Histoire Parallèle des Etats Unis et de l' Urssyol 1*, Mónaco, Jaspard Polus et Cie., 1963.

PATTERSON, James T., "The 1920s: the Modern Decade in *America in the Twentieth Century*, 3º ed., San Diego, Harcourt Brace Jovanovich, 1989, pp. 141 - 177.

WIEBE, Robert H., *The Search for Order, 1877-1920*, New York, Hill and Wang.